

O MENINO ASMÁTICO

AQUELE QUE NÃO PODIA RESPIRAR, MAS SONHAVA

Numa casa de onze filhos, o mais doente foi o que quis estudar. E não parou aí: abriu a porta da sala e entregou ao irmão a inscrição que mudaria duas vidas.

Meu irmão mais velho, Ailor Lotério, nasceu doente em 16 de janeiro de 1960, filho de Auri Fábio Lotério e Erica Laurentino Lotério. A asma quase o levou muitas vezes, num tempo em que faltava remédio e sobrava poeira. Meu avô, Fábio Lotério, fez uma promessa e o levou de avião até Iguape, buscando cura. Orações, promessas e a teimosia de uma família inteira em não perder aquele menino. Ele tinha o fôlego curto e o sonho longo.

Éramos onze e nos dávamos muito bem. Isso precisa ser dito, porque nem toda casa numerosa guarda esse tipo de paz. A nossa guardava. O pai e a mãe decidiram que ele não podia ficar na lavoura, pois poeira, inseticidas, fungicidas e alergias o adoeciam sem descanso. Foi assim que, em 1975, ele veio para o Colégio Agrícola de Camboriú, onde encontrou uma disciplina firme. A janta era às dezoito horas, depois a higiene pessoal, e todos voltavam à biblioteca para estudar em silêncio até as vinte horas. Aquele intervalo entre a mesa e o sono ajudava a digestão e ajudava a respiração. Ele foi melhorando. A asma atrasava o corpo, mas não impedia o destino.

Seria o único daquela família numerosa a estudar. Voltava para casa com boas notas e com uma ideia fixa na cabeça: convencer nossos pais a mandar também o segundo filho. Esse segundo filho era eu. Foi ele quem fez a minha inscrição para o exame de seleção, uma espécie de vestibular para o Colégio Agrícola de Camboriú, e a levou até mim. Abriu a porta da sala e entregou o papel na minha mão. Eu nunca esqueci aquela porta se abrindo.

Minha mãe fez a parte dela. Foi de charrete até Ímbuia, com livros antigos debaixo do braço, apresentá-los à diretora, dona Madalena, que sorriu e disse que aqueles livros não serviriam mais, mas que me apoiaria. Ela estudou até a terceira série ginásial, foi catequista, e lê e escreve até hoje, aos 86 anos. Ela também copiava para mim as matérias atrasadas dos cadernos de um vizinho. Perdi aquele ano e voltei no ano seguinte. Quem não desiste sempre encontra outro jeito de seguir.

Meu irmão cuidou de mim antes mesmo de eu chegar. Recomendou aos amigos que zelassem por mim no colégio agrícola. Quando cheguei lá, encontrei o legado pronto: professores que o estimavam, colegas que perguntavam por ele, um carinho já construído que eu apenas recebi. Formidável é isso, quando um passa o legado ao outro e o caminho já vem aberto. A vaga, no entanto, eu conquistei sozinho, passando no exame de seleção entre inúmeros candidatos que disputavam o ingresso. Usei até sapatos dele no colégio, trazidos de casa, e andava com muita dificuldade dentro daqueles sapatos, mas andava.

Quando recebeu o primeiro salário, veio me visitar e me deixou um dinheirinho na mão. Quem tem pouco e reparte, reparte tudo.

E o que começou nele não parou em mim. Depois que saí de casa para estudar, todos os irmãos e irmãs que quiseram, e foram muitos, puderam estudar ou foram incentivados a isso. Naquele tempo aquilo era complicado, porque nas famílias numerosas os filhos normalmente ficavam para o trabalho na lavoura, e ponto final. A doença de um abriu a escola para todos.

Nem a doença é empecilho. Tudo o que é bem aproveitado, mesmo uma dor, mesmo um sofrimento, pode se transformar em bem. Foi exatamente o que aconteceu na nossa casa. A asma que quase levou meu irmão foi o motivo que o tirou da lavoura e o colocou dentro de uma escola. Da escola nasceu a ideia de me mandar estudar. De mim veio o caminho para os outros irmãos. O que parecia castigo virou porta. O que parecia limitação virou herança.

Ele foi cooperativista, gerente de cooperativa, o primeiro da família a mostrar que trabalho e estudo cabiam na mesma vida. Muito comunicativo, participava do grupo de jovens de Camboriú, o CEJUCA, e seu exemplo trouxe muita gente para estudar nesta cidade. Pensava em fincar raízes aqui, mas morreu aos dezenove anos, um ano depois da formatura, num acidente com máquina agrícola. Doe ainda mais porque o operador de máquinas da família era eu, o primeiro, aquele que ensinou os irmãos. Eu estava na terceira fase do colégio e fui para casa com vontade de desistir. Foi meu pai, justamente ele, que queria me segurar na agricultura, quem disse: tu é que sabes, mas se queres estudar, vai.

Fiquei. Fiquei em Camboriú após a formatura e me casei com Ana Maria Rebelo, filha de uma família influente e bem estruturada da cidade, o Seu Bagué e a Dona Marina. Foi o maior presente que recebi depois do próprio nascimento. Passei no concurso da Acaresc e construí uma carreira de quatro décadas. Herdei do meu irmão mais do que os sapatos. Herdei a primogenitura, o lugar de irmão mais velho, a responsabilidade de abrir portas para os que vinham atrás.

Anos depois, como prefeito de Camboriú, coube a mim inaugurar, em 5 de agosto de 1994, uma escola no bairro Monte Alegre. O nome foi escolhido pela própria comunidade, em plebiscito, entre vários sugeridos. Escolheram o dele. Hoje o CAIC Jovem Ailor Lotério atende cerca de mil e quinhentas crianças. Vale a pena conhecer essa história e a nossa família na postagem publicada pela própria escola: caic-ailor.blogspot.com

Quando a saudade bate, eu me lembro de que só estudei, e só cheguei até aqui, por causa de um menino asmático que quis para o irmão o que a vida quase lhe negou. Nenhuma doença é grande o bastante para caber dentro de um sonho. Rezo por ele e por toda a família.

Ainor Francisco Lotério

Palestrante, agrônomo, filósofo, teólogo e Diácono Permanente